

JOSÉ MARIA DA SILVEIRA

O Mestre José Maria

I

A primeira vez, que vi este celebre mestre e jogador de pau, foi em um vasto barracão, junto á igreja dos Inglezinhos, no Bairro Alto, d'esta cidade. Ahi morava, creio eu, e ahi tinha a sua escola, então muito frequentada.

Travara eu por esse tempo relações com Pedro Augusto da Silva — um dos melhores e mais antigos discipulos de José Maria — e tambem, como eu, grande amator de caça. Desejava elle que eu assistisse a uma sessão de esgrima de pau — jogo de que ouvira muitas vezes fallar, mas cuja pratica me era completamente desconhecida. Por natural curiosidade desejava-o tambem: Pedro Augusto apresentou-me ao mestre.

Na espaçosa quadra terrea, onde se davam os assaltos, encontrei um grande numero de amadores. Entre elles estavam alguns que eu já

conhecia — caçadores uns, outros empregados nas secretarias e no commercio — todos moços bem educados e de bom trato.



No meio de todos os grupos destacavam-se a figura e a voz de José Maria. A estatura elevada e athletica, e a voz — de baixo profundo — forte e vibrante, apesar da idade. O mestre era então cabo dos coristas de S. Carlos.

Devia ter sido um bonito homem, na sua mocidade, aquelle velho, ainda verde, de rosto córado e alegre, que, envolto nas largas prégas d'um gabão, com um barrete preto de lã na cabeça, e rodeado pelos discipulos, que elle dominava, seguia attentamente os movimentos dos jogadores, advertindo-os com a voz grave e pausada.

A cabeça leonina fazia-me lembrar a do celebre esculptor francez Rude, com a sua longa e espessa barba branca, cahindo-lhe sobre o largo peito, tal como vem retratado nos *Artistes vivants*, de Théophile Silvestre; mas o rosto de José Maria alliava ao vigor a belleza e a correcção das linhas.

A testa, alta e arejada, contornava-se em curvas largas e suaves, e as sobrancelhas, negras, fartas e espessas, realçavam-lhe os olhos, grandes, serenos e expressivos; o nariz direito e bem desenhado; a bocca sinuosa, com os labios carnudos e vermelhos, entrevia-se atravez do bigode, que se ligava a uma barba longa e fornida, bifurcada como a do *Moysés*, de Miguel Angelo.

Era verdadeiramente, pela largueza do desenho, pela harmonia das linhas, e pela serenidade magestosa da expressão, uma cabeça modelo, digna de ser conservada n'uma téla de Lupi, n'um marmore de Simões d'Almeida ou de Soares dos Reis! E infelizmente não o foi.

O tronco era largo, redondo e de dimensões colossaes — um busto como os d'essas estatuas gregas de Phidias ou de Praxiteles, que nós admiramos, mutiladas, nos museus da arte antiga.

Os pulsos grossissimos — devido talvez ao constante exercicio, apresentavam uma disposição singular — faziam uma linha quasi recta com as mãos, que eram proporcionalmente grandes, muito bem feitas, e em que tinha uma força prodigiosa!

Contava-se, entre outros rasgos, que, nos seus tempos, elle assentava os dedos sobre cinco cruzados novos, postos n'uma mesa, e desafiava todos a demover-lhe o braço d'aquella posição! Nem o famoso Thomaz Jorge, nem nenhum dos homens mais esforçados d'então, conseguiram ganhar a aposta! O braço era de bronze — parecia fundido!

Ao canto da casa vi eu uma grande bola de pedra, e perguntando qual era o seu destino, responderam-me que era a — *pedra da paciencia*. Todos os que ali iam tentavam levantá-la, mas, além do peso, oppunha-se-lhes o volume. José Maria levantava-a e segurava-a com a maior facilidade — na mão d'elle parecia uma laranja!

Quando aqui esteve Charles, o celebre luctador, os dois provaram as forças — na lucta do braço o francez, apesar da sua destreza, não conseguiu dobrar o de José Maria!

II

N'essa noite da minha apresentação vi esgrimir muitos jogadores, mas as atenções concentraram-se todas nos dois ultimos, que eram os seus mais notaveis discipulos.

Estão ambos mortos, mas um d'elles, Fariinha, empregado na Alfandega, só tive o prazer de o vêr jogar duas vezes.

E digo prazer, porque é realmente um espectáculo extremamente agradável o de dois luctadores da mesma força, ostentando todos os seus recursos e os da arma que manejam, com a maior facilidade, certeza e elegancia, nas posições e nos movimentos — jogando durante meia hora, sem um leve toque, e com os golpes apenas indicados pelo gesto! Isto, feito com o pau — arma pesada e d'alcance — ainda mais provoca e justifica a admiração.

O outro contendor era Pedro Augusto da Silva — empregado no Ministerio da Fazenda, o introductor e primeiro mestre d'esta esgrima no *Gymnasio Club* de Lisboa, onde deixou a tradição do mestre — e que foi, durante os ultimos annos, o *prévôt* effectivo da escola de José Maria. Já se vê, portanto, que devia ser interessantissimo o prelio, em que os dois adversarios se empenharam; sobretudo para mim, que nunca assistira áquelles assaltos, e que ao principio receiava a todo o momento vêr um braço quebrado ou uma cabeça partida!

Nada d'isso, porém, aconteceu, e quando elles, apontando os paus para a terra, fizeram as cortezas finaes e cumprimentaram a assem-

bléa — esta applaudiu-os calorosamente. Ambos se tinham mostrado cortezes na lucta, rapidos e certos no ataque, previstos e firmes na defesa — Dois mestres!

Os espectadores discutiram depois os lances e as finuras do jogo — que para mim eram então completamente desconhecidas.



Como eu gosto de fallar de coisas portuguezas, das antigas e das modernas — ha tanto quem nos diga o que se passa em Paris e Londres — direi aqui, para os amadores, mais algumas palavras sobre estes dois jogadores — dos melhores que sahiram da escola de José Maria.

Discipulos do mesmo mestre, e ambos da mesma geração, representaram, no meu entender, os dois *estyllos*, as duas *maneiras* d'esta esgrima. Farinha, uma cabeça antiga, com o cabello rente, a barba toda, e a expressão um tanto severa, era — se assim o podemos chamar — um *classico*. Pedro Augusto, com o bigode negro, a cabelleira crescida, o olhar movel, e o gesto um pouco brincão, era *romantico*.

Aqui, como nas letras, como em tudo, no *estyllo* via-se o homem. O jogo de Farinha era *academico*, o de Pedro Augusto pedia para o pittoresco, era mais brincado, mais ligeiro, mais alegre. Assim devia ser, porque de todos os *primeiros*, que conheci, era elle o que dispunha de menos força physica, e então soccorria-se da agilidade, que, graças ao constante exercicio, conservou até ao fim da vida. Era um pasmo

vêr como elle, com muito mais de sessenta annos, fraco e achacado do peito, ainda saltava, na sala do *Gymnasio*, á compita com os seus discipulos, rapazes de dezoito e vinte annos! Para professor dar-lhe-ia eu a preferencia, mas n'um assalto, com um jury sério, o jogo de Farinha teria talvez maior numero de votos. Este era d'uma correcção absoluta, um verdadeiro primor d'arte todo o seu conjuncto! Um modelo raro, para a illustração d'um livro, d'um tratado especial! Que perfil o de toda a sua figura! que firmeza de posição, que rapidez, e que segurança nos movimentos, no avançar, no recuar, no ataque e na defeza! Annos depois tornei a vê-lo jogar — já doente — Farinha ainda era o mesmo impeccavel artista!

Dir-se-ia uma estatua em movimento, se a estatua podesse dar-nos a impressão real da vida!

Aquelle espectaculo de então queria eu vê-lo de novo hoje — realisado, como elle foi, sob os olhos do mestre, que elles todos respeitavam profundamente, e tambem na presença de mestres d'armas estrangeiros, para quem esta esgrima fosse uma novidade. Surgiriam naturalmente comparações e estas são sempre interessantes, pelos differentes pontos de vista dos observadores.

José Maria, que estudara o jogo do sabre e do florete, fundiu no seu tudo o que n'aquelles encontrou de melhor. Os preceitos e regras da arte, que elle ensinou aos seus discipulos, eram muito superiores ao que lhe tinham ensinado os seus mestres.

III

O fundador da escola de Lisboa nasceu pelos annos de 1805, na calçada da Graça, n.º 13. O numero fatidico e funesto parece que combateu e inutilisou a graça da rua, porque a vida do mestre nunca foi bafejada pelas auras da fortuna.

Filho de familia pobre e obscura, mas honrada, o pequeno José mostrou logo, no bravio e destemido do genio, o que havia de ser o futuro homem, e pozeram-lhe, por isso, por alcunha — o *Silveira* — alludindo ao general d'esse nome — então muito popular.

O cognome de *Salvo* ganharam-lh'o as sadias côres, que lhe davam á physionomia, viva e ousada, um aspecto rustico, raro de encontrar nos rapazes macilentos, nascidos, como elle, na cidade.

Matriculado nas aulas que então existiam na Sé, ahi estudou latim e musica, sendo depois admittido entre os coristas d'aquella igreja. José Maria nunca abandonou esta profissão: durante muitos annos capitaneou os coristas de S. Carlos. Havia n'elle, porém, uma força intima que o impellia para os exercicios gymnasticos e gladiatorios. Era a organização, a natureza exuberante, a que fatalmente devia obedecer.

Uma questão de predominio dos musculos sobre os nervos — uma questão de temperamento, como hoje se diz. Predominio irresistivel, em muitos casos.

A aptidão physica do futuro jogador era tal, que, aos dezeseis annos, já dava lições — já era

mestre ! Os seus professores foram os mais dextros que então havia em Lisboa — um d'elles era gallego.

D'elles aproveitou José Maria o que julgou melhor, inventou novos golpes, e, entre outros aperfeiçoamentos, mudou a posição da guarda, que no antigo jogo deixava as mãos expostas aos golpes do adversario ; finalmente creou um systema completo — um jogo todo seu, admiravelmente combinado, e ao mesmo tempo seguro e elegante.



Quando elle abriu escola, rapido se espalhou a fama dos seus merecimentos, e de toda a parte principiaram os discipulos a concorrer ás suas lições. Os amadores de maiores presumpções vieram tambem, por vezes, provar as suas forças com o mestre de Lisboa, mas foram sempre vencidos para suas terras, sem poderem cantar victoria !

Um dia apresentou-se-lhe um homem de fóra de Lisboa, dizendo que queria receber uma lição do mestre. O forasteiro, de agigantada estatura e de consoantes forças, trajava á rustica — jaqueta e grandes botas.

Jogaram os dois algum tempo, mas, n'uma occasião em que José Maria atirou um golpe baixo ás pernas do adversario, este sem se defender, nem recuar, jogou-lhe uma tal pancada á cabeça, que seria mortal, se não fosse a presteza com que o mestre o evitou.

José Maria sentiu na cara o vento do pau, e viu que o homem o queria matar. Antes de terminar a lição, o pimpão apanhou uma pancada no peito, que era a resposta do mestre e o castigo da sua provocação.

Examinado pelas pessoas presentes, descobriram que elle vinha já com tenção damnada — trazia as botas forradas de cortiça! José Maria, satisfeito com a lição que lhe déra, deixou-o ir em paz. Ia remediado, e creio que não voltou.

Às vezes tambem visitava as escolas dos seus collegas. Como tinha o genio folgasão, nos primeiros tempos, e quando ainda havia alguns que não o conheciam — apresentava-se como um principiante que queria receber as primeiras noções do jogo, e assim, brincando e fazendo-se lorpa, ia a pouco e pouco desmascarando as baterias, até que levava os mestres á parede!

— Você é o diabo ou é o José Maria! — disse-lhe um dos taes mestres um dia, depois de ter visto o pau saltar-lhe das mãos umas poucas de vezes!

— Quanto é a lição? respondeu serenamente o grande jogador.

— Eu é que lhe devo pagar — respondeu o outro, e ficaram amigos.

Foram muitos os que o procuraram para lhe abater os brios, mas nunca o conseguiram. D'alguns dizia elle:

— Eu achava-os por onde os buscava.

José Maria era alto e corpulento, como dissemos, e comtudo tinha tal agilidade, que é tradição entre os seus discipulos, que elle dava quatorze *rectaguardas* seguidas — isto é, qua-

torze voltas sobre si, acompanhando o giro ve-
loz do pau! É espantoso!

Valente e forte como um toiro, só provocado é que sahia. Contam-se por isso poucas anecdotas em que figure o seu nome, mas algumas ainda não estão esquecidas, porque revela também uma certa finura de espirito, que não é vulgar em homens d'aquella tempera.

Durante a lucta dos dois irmãos — D. Pedro e D. Miguel — José Maria, que também servira no regimento de infantaria de Malta — seguiu a facção liberal, e por isso esteve preso.

N'esse tempo havia um botequim no Chiado, defronte da calçada do Sacramento: o caixeiro era miguelista façanhudo. Uma vez José Maria entrou ali com alguns amigos seus, e deu as boas noites ao caixeiro: este, que não o podia vêr, não respondeu. José Maria repetiu a saudação: o mesmo silencio da parte do outro.

— Você é surdo? Não ouviu dar-lhe as boas noites?

— Não conheço malhados.

— E eu não conheço burros, replicou logo José Maria.

O caixeiro, que tinha presumpção de valente, agarrou n'um môcho, mas a bengala do mestre chegou-lhe primeiro á cabeça e abriu-lh'a. O homem cahiu lavado em sangue.

Preso e remettido ao tribunal, José Maria surprehendeu o juiz com a finura graciosa das suas respostas.

Quando elle lhe perguntou porque tinha quebrado a cabeça ao caixeiro, José Maria disse-lhe:

— Porque sou christão.

— Ora essa! exclamou o juiz espantado. — Então o senhor entende que quebrar a cabeça é uma obra de caridade?!

— Não, snr. juiz, eu me explico. A desordem foi n'uma sexta-feira — isto é, um dia de jejum, dia de peixe — e esse homem, quando avançou para mim, disse-me que eu havia de engulir o môcho! Ora já v. s.^a vê que, sendo o môcho carne, eu não podia consentir n'essa offensa ás praxes da nossa religião. Foi por isso que eu lhe parti a cabeça.

O auditorio desatou a rir, e o juiz deu por expiado o delicto com o tempo da prisão.

D'outra vez, e quando elle era já corista em S. Carlos, foi denunciado por infracção d'um artigo qualquer do regulamento: o denunciante era um carpinteiro do theatro. José Maria espreitou-o, e um dia que o encontrou nas bambolinas, deitou-lhe as mãos e suspendeu-o sobre o palco.

— Aqui d'el-rei — gritava o homem, perneando no ar, meio suffocado e perdido de terror.

— Olhe, seu maroto, você escapa-me d'esta, mas tome cautela commigo. Outra vez que boqueje o meu nome — deixo-o cahir lá baixo — e o hercules, dizendo estas palavras, puxou o homem para cima. O carpinteiro viu-se livre, desapareceu, e não denunciou mais ninguem. Aproveitou-lhe a lição.

Poderíamos augmentar o capitulo das anedotas, mas não o julgamos necessario. A valentia e a força do mestre José Maria eram tão populares em Lisboa e nos seus arredores que, como se costuma dizer, tinha já passado em julgado, e ninguem, conhecendo-o, o ia provocar.

Os que, sem o conhecerem, desafiavam a sua ira, arrependiam-se logo e para sempre.

IV

Dissemos que José Maria não foi feliz. Homem trabalhador e honrado tentou varias vezes a fortuna, mas todas as suas empresas foram mallogradas: elle não nascera para o commercio.

Espirito muito superior á sua posição social, era excessivamente orgulhoso, e naturalmente repugnava-lhe tambem, sendo o primeiro na sua arte, ir ser o ultimo dos pretendentes nas escadas das secretarias.

Quando o conde de Farrobo foi empresario de S. Carlos mandou um dia que todos os co-ristas rapassem as barbas. José Maria, então na força da vida, tinha uma barba magnifica, preta, longa e assetinada. Não a cortou. Advertiram-n'o primeiro — depois suspenderam-n'o por quinze dias — depois por um mez... José Maria continuou a ir ao theatro como de costume, mas com a sua barba.

O conde mandou-o chamar, e, depois de conversar com elle uns minutos, disse-lhe:

— Ó José Maria, se os papeis fossem invertidos, e você ficasse no meu logar, depois de dar a ordem o que me fazia?

— Punha-o na rua — É o que manda a disciplina. Eu fui soldado, snr. conde. Já vejo que estou despedido. Ás ordens de v. exc.^a — e José Maria, ditas estas palavras com um modo triste mas digno, ia retirar-se.

— Venha cá, homem. Você fica e não corta

as barbas. Agora aqui tem o seu dinheiro — e o fidalgo, que era um homem de espirito e de coração bizarro, entregou um embrulho ao corista, apertando-lhe a mão. Eram os honorarios do tempo em que elle estivera suspenso, e creio que augmentados.



Conhecemos o mestre nos ultimos annos da sua vida — no periodo da decadencia — mas por isso mesmo que já não dava lições senão a raros discipulos, conversava muito, e eu tive occasião de observar a finura e o cunho original do seu espirito.

José Maria era muito intelligente, e a convivencia no theatro com a melhor sociedade de Lisboa, junto a uma certa educação litteraria e artistica, que recebera nas aulas da Sé, tornavam-n'o não só superior aos outros mestres, mas tambem a um grande numero dos seus discipulos, a quem emendava as frequentes incorrecções da linguagem.

Lia muito, e gostava de analysar e interpretar o que tinha lido: era curioso ouvil-o, ás vezes, entremeiar as suas lições de esgrima com outras de lingua, quando o discipulo não se expressava com clareza, ou não entendia as explicações do mestre!

Sabedor de grande numero de anedotas intercalava-as na sua conversação frequentes vezes, e quasi sempre com applicação ás pessoas presentes. Obrigado a lidar com gente de todas as classes, e muitas vezes com homens extre-

mamente rusticos, tinha um systema singular de os advertir de qualquer falta grave, digna de censura.

Moderno Salomão, José Maria recorria então á anedota, inventava apologos e parabolos, e com ellas lhes doirava a pillula! Era raro ouvir-lhe advertencia directa.

—O mestre falla por figuras— dizia-me Pedro Augusto muitas vezes. Eu cá é que o entendo bem.

E era verdade. Um dia que um discipulo novato se excedeu, José Maria, terminada a lição, chamou-o para junto de si, e contou-lhe uma historia das taes. Quando o rapaz sahiu, o mestre voltou-se para nós e disse:

—Lá leva a ameixa. Elle vai roendo, mas ha de achar-lhe o caroço.

O *caroço* era a censura.